

Educação, Comunicação comunitária e saúde: as *lives* da Teia de Solidariedade da Zona Oeste durante a *sindemia* de Covid-19

*Educación, comunicación comunitaria y salud: las lives de la Teia de Solidariedade de la Zona Oeste durante la *sindemia* de Covid-19*

Analice Madeira Teixeira da Silva

Ana Lúcia Nunes de Sousa

Maiana Eloí dos Santos Ribeiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Rio de Janeiro -Brasil

Resumo

Este trabalho analisa práticas educativas em saúde, transmitidas por *lives*, pelo Facebook da Teia de Solidariedade da Zona Oeste —Teia das Pretas — (TeiaZO) durante a *sindemia* de Covid-19. Buscamos identificar como os conhecimentos populares aparecem nestes materiais e discutir como os vídeos constroem resistência através da comunicação, educação e saúde. Coletamos e categorizamos dezenove (19) vídeos, que foram analisados a partir da análise de conteúdo. Os resultados demonstram que as *lives* foram utilizadas para educar em saúde, discutindo saúde a partir da agência política de mulheres pretas e periféricas, focadas na construção comunitária e nos conhecimentos populares e ancestrais.

Palavras-chave: Pandemia; Mulheres negras; Vídeo online.

Resumen

Este trabajo analiza prácticas educativas en salud difundidas através de *lives* transmitidas en vivo y directo por el Facebook de la Teia de Solidariedade da Zona Oeste —Teia das Pretas — (TeiaZO) durante la *sindemia* de Covid-19. Buscamos identificar cómo los conocimientos populares aparecieron en estos materiales y discutir cómo los videos construyen resistencia a través de la comunicación, educación y salud. Recolectamos y categorizamos a dezenueve videos (19), que fueron analizados por medio de análisis de contenido. Los resultados demuestran que las *lives* fueron utilizadas para educar en salud, discutiendo salud desde la agencia política de mujeres prietas y perifericas, enfocadas en la construcción comunitaria y en los conocimientos populares ancestrales.

Palavras-chave: Pandemia; Mujeres negras; Vídeo online.

Introdução

Entre 2020 e 2022, vivemos o que ficou conhecido como "pandemia de Covid-19". No cenário brasileiro, foi instaurada uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), que ficou conhecida como "CPI da COVID-19". O relatório da Comissão indicou que, no Brasil, não houve uma pandemia, mas sim uma sindemia, uma vez que condições socioeconômicas foram determinantes sociais para o processo de impacto da doença. Tanto Horton (2020), como o relatório da CPI (2021) evidenciaram que era impossível sair da crise atual sem pensar nas iniquidades em saúde. Tais iniquidades afetaram as populações mais vulnerabilizadas e foram apontadas como a causa do agravamento da doença Covid-19. Horton (2020) e o relatório da CPI argumentam também que essa crise sanitária não seria resolvida apenas com lógicas biomédicas de intervenção sobre o contexto.

A consequência mais importante de ver a Covid-19 como uma Sindemia é destacar as suas origens sociais. A vulnerabilidade dos cidadãos mais velhos; das comunidades negras, asiáticas e de minorias étnicas; e trabalhadores chave que são normalmente mal pagos, com menos proteção é uma verdade pouco reconhecida- ou seja, não importa o quanto eficiente um tratamento ou prevenção, uma vacina. A busca por uma solução puramente biomédica para Covid-19 vai falhar (HORTON, 2020. p.874) (a tradução é nossa).

Para enfrentar condições tão duras de existência, as populações pobres, pretas e periféricas, historicamente, reelaboram seus modos de vida e estratégias de sobrevivência. Durante o período de isolamento social, a Teia de Solidariedade da Zona Oeste —Teia das Pretas (TeiaZO) —foi gestada, parida e orientada por mulheres pretas e periféricas da Zona Oeste do Rio de Janeiro, que constroem a resistência nestes territórios há décadas. A TeiaZO nasce como uma união de outros coletivos e instituições que a tecem, como A Coletiva Popular de Mulheres da ZO, Grupo de Trabalho Zona Oeste do Fórum Estadual de Mulheres Negras do Rio de Janeiro – GT ZO FEMNegras/RJ, o Instituto de Formação Humana e Educação Popular, o Coletivo Piracema, a Coletiva As Caboclas, Mulheres de Pedra, a União Coletiva Pela ZO, a Fundação Angélica Goulart, o Plano Popular das Vargens, Quilombo Dona Bilina e Quilombo Cafundá Astrogilda. O objetivo inicial da TeiaZO era garantir alimentação para as famílias atingidas pela insegurança alimentar e fome, diante do racismo estrutural no contexto da Covid-19. Nasceu, portanto, com três metas: 1) "saúde comunitária e cuidado

radical”; 2) “combate à fome e soberania alimentar” e 3) “pela soberania alimentar e a autogestão nos territórios” (CAMPANHA TEIAZO, 2020).

FIGURA 1. Área de Atuação Mulheres TeiaZO



Imagem retirada do instagram da articulação TeiaZO. Acesso: 12 de Fev. de 2023

<https://www.instagram.com/p/CBGg4BBD1x/>

Neste processo, a TeiaZO utilizou estratégias diversas para atingir as metas estabelecidas em sua criação. Além de trabalhar diretamente nos territórios periféricos e favelizados, com a distribuição de kits de autocuidado em saúde, de cestas básicas, de conectar agricultoras e agricultores, feiras e famílias, a TeiaZO também atuou na comunicação online, seguindo a tendência observada mundialmente de migrar para o terreno virtual todas as atividades possíveis durante o período de isolamento social em 2020. Portanto, neste cenário, a comunicação ganhou ainda mais centralidade como estratégia de luta nos territórios. As plataformas digitais, as redes e as mídias sociais foram utilizadas contra a desinformação e para promover educação em saúde, tendo como foco o público das comunidades atendidas pela TeiaZO.

É neste contexto que o vídeo online entra no tecido da TeiaZO como modo de comunicação educativa, em meio ao contexto da Covid-19, utilizando-se do espaço da internet para educar em saúde, na perspectiva dos territórios da Zona Oeste do Rio de Janeiro.

Assim, neste artigo nos dedicamos a analisar esta forma de trabalho da Teia ZO, explicitando como a comunicação comunitária, através do vídeo online no período de isolamento social, no ano de 2020, foi utilizada para formar um tecido vinculativo das mulheres da ZO para uma prática educativa-comunicativa em saúde.

Educação em saúde e práticas de comunicação comunitária

No contexto desta pesquisa, parte-se de uma concepção ampla de educação, que vai além da educação formal escolar, apesar de não a excluir. Compreende-se a educação como “uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade” (BRANDÃO, 2007, p.18). A educação é, assim, nas palavras de Freire (2002, p.38) “uma forma de intervenção no mundo”. Intervenção que, além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos, implica tanto o esforço de *reprodução* da ideologia dominante quanto o seu *desmascaramento*”. A educação é, portanto, inerente a todas as sociedades, sendo uma forma que esta sociedade tem de partilhar suas ideias, costumes e cultura. A educação pode, assim, estar presente em momentos de trabalho, de lazer, na afetividade, na religiosidade, etc.

Em relação à educação dos povos subalternizados, Brandão (2007) afirma que estes criam – dentro dos limites que lhe são impostos – seus modos próprios de saber, assim como formas de preservá-los através da educação. Para ele, a educação do povo é uma forma de resistência, na qual se criam redes para evitar a proliferação de conhecimentos “de fora da classe”. Assim, as formas de participação promovida pelos movimentos sociais e populares podem ser consideradas espaços educativos.

A educação em saúde, por sua vez, é definida, pelo Ministério da Saúde como:

Processo educativo de construção de conhecimentos em saúde que visa à apropriação temática pela população [...]. Conjunto de práticas do setor que contribui para aumentar a autonomia das pessoas no seu cuidado [...] a fim de alcançar uma atenção à saúde de acordo com suas necessidades (BRASIL, 2006, p. 19).

Kruger (2003) aponta três fundamentos da educação em saúde: 1) reconceituar a saúde como mudança de ideologia capaz de ampliar a meta de melhorar o estado de saúde, seja individual ou coletiva, para buscar a justiça social; 2) potencialização como processo pelo qual indivíduos e comunidades são capazes de tomar o poder e agir para transformar suas vidas e seu meio; e 3) participação comunitária, considerando que a saúde é determinada pela

equidade e justiça social, em que a participação efetiva da população passa a ocupar lugar de destaque.

hooks (2019) afirma que no processo educativo é preciso compreender a necessidade de falar, de compartilhar o conhecimento e de erguer a voz. A autora, aqui, não fala de qualquer educação, mas da educação popular, que é um processo baseado na fala, escuta, e no respeito a todos os tipos de conhecimento. A educação popular considera os conhecimentos prévios dos indivíduos, esses que vêm sendo construídos nos processos da vida e que são indispensáveis para que consigam superar situações de adversidade tornando-se produtores de sua própria história.

Assim, por suas bases, a educação popular se aproxima da ideia de educação em saúde defendida por Kriger (2003). A educação popular em saúde se estrutura nos espaços comunitários, a partir da aproximação com outros indivíduos, priorizando os movimentos sociais locais e coletivos, onde a saúde é entendida como prática social, guiada pelos interesses das classes populares. Assim, a educação popular em saúde e a educação popular são fundamentais para o desenvolvimento de um pensar crítico e reflexivo, possibilitando ao indivíduo desvelar a realidade e propor ações transformadoras (GOMES;MERHY, 2011; FALKENBERG et al, 2014).

No processo educativo, comunicação e educação estão intimamente vinculados. Para Freire, não existe educação sem comunicação. Antes, “a educação é comunicação, é diálogo” (FREIRE, 1983, p.45), uma vez que não se trata da ação de um sujeito que detém o conhecimento e o transfere a outros que não o possuem, mas de um encontro entre sujeitos que compartilham a aventura da construção do conhecimento. Neste sentido, os meios de comunicação e informação são também concebidos como “alimentadores de um processo educativo transformador” (KAPLÚN, 2002, p.15). Tampouco se trata de qualquer meio de comunicação, mas aborda-se, nesta perspectiva, a comunitária, uma forma de fazer comunicação que está centrada em uma proposta social (PAIVA, 2003), no comprometimento com as comunidades onde se localiza e na ampliação dos direitos e deveres cidadãos (PERUZZO, 2009). É uma comunicação preocupada com a pluralidade de vozes na construção das mensagens, na gestão compartilhada dos meios e na participação ativa e horizontal da comunidade, na contribuição à educação, saúde, cultura etc.

Como é possível perceber, educação em saúde e comunicação comunitária são noções que se interligam. Além da proximidade conceitual, também é visível como estas práticas podem se entrelaçar no cotidiano dos movimentos sociais, especialmente da TeiaZO, cuja prática analisamos neste trabalho.

Educação em saúde e práticas de comunicação comunitária: o vídeo online

A TeiaZO, assim como vários outros movimentos populares, sociais, territoriais, emergidos durante a sindemia de Covid-19 se utilizaram das plataformas, mídias e redes sociais para se comunicar. A apropriação dos meios informativos por movimentos sociais não é uma novidade gerada pelo contexto sindêmico, mas uma prática largamente utilizada desde o surgimento das tecnologias da informação e comunicação. Desde os jornais escritos, o rádio, a TV, o cinema e, por último, a internet, todas as mídias foram utilizadas por movimentos sociais e comunitários para compartilhar suas demandas, ideias e processos de construção política. Com o barateamento dos aparatos eletrônicos, o acesso, tanto à produção como ao consumo informativo, tem se popularizado. A partir de 1999, com a criação do Centro de Mídia Independente (Indymedia), durante os protestos de Seattle, nos Estados Unidos, a internet começou a centralizar a comunicação realizada pelos movimentos sociais. Hoje em dia, a vida das pessoas está cada vez mais em contato com “várias formas de resistência nos meios de comunicação, seja como leitores, audiência e produtores” (COYER et al., 2007, p.1). Fenton (2016) explica que, hoje, a internet está no coração da política radical, estimulando todo tipo de campanhas e facilitando o movimento político nas grandes cidades, onde há alta penetração das tecnologias digitais de comunicação.

Nos últimos anos, com a popularização das redes e mídias sociais na internet, estas plataformas acabaram por centralizar boa parte das iniciativas comunicativas dos movimentos sociais e comunitários. As redes são "constituídas pelas relações entre os indivíduos e servem como a estrutura fundamental da sociedade" (RECUERO et. al, 2015). Em outras palavras, falar de redes sociais é falar de como as pessoas se conectam através dos grupos. Os sites de redes sociais, como o *Facebook*, por sua vez, são páginas na internet cujo objetivo é criar e manter as redes sociais. Estes sites têm características específicas, nas quais as pessoas usuárias: 1) têm perfis identificáveis, que consistem no conteúdo proporcionado pelo usuário, conteúdo proporcionador por outros usuários e/ou dados proporcionados pelo sistema; 2) podem articular publicamente as conexões, que podem ser vistas e atravessadas

por outros usuários; e 3) podem consumir, produzir e/ou interagir com correntes de conteúdo gerado pelos usuários, proporcionados por suas conexões no site (ELLISON; BOYD, 2013, p.151).

Utilizando as redes sociais online, os movimentos sociais e comunitários podem se conectar facilmente com seus membros, simpatizantes e cidadãos em geral, que passam a ter mais acesso a mais informações em tempo real (MUTSVAIRO, 2016). Estas plataformas significaram uma mudança nas estruturas de produção e circulação de conteúdos comunicativos. Com espaços gratuitos para alojamento e distribuição, acabaram apropriados por diversas organizações comunitárias que não tinham acesso aos grandes meios de comunicação de massa, possibilitando a distribuição de conteúdos a um público global.

Este processo possibilitou que a narração do mundo se tornasse um bem acessível (AUNTOUN; MALINI, 2013; COULDRY, 2008a), capaz de operar fora dos limites e nas margens dos grandes meios de comunicação (COULDRY, 2008a). Para Auntoun e Malini (2013), um dos fatores mais importantes é o aspecto democratizador destas narrativas, pois "hoje, a capacidade de narrar uma história pertence a todos" (p.248). Para eles, esta narrativa em rede "ao ser submetida ao compartilhamento de muitos para muitos gera um ruído, cujo principal valor é proporcionar um olhar múltiplo, conflitivo, subjetivo e em perspectiva sobre os acontecimentos" (p.23).

Quando a emergência sanitária gerada pela sindemia de Covid-19 resultou no período de isolamento social, as redes e sites de mídias sociais foram novamente apropriadas pelos movimentos populares e comunitários. As transmissões ao vivo, *lives* como ficaram conhecidas, passaram a ser utilizadas em vários campos, desde à educação, cultura, política até a atenção médica, com o avanço determinante da telemedicina neste período. A tecnologia que permite a transmissão ao vivo através da Internet apareceu em 1995, com o lançamento de RealAudio, um formato de áudio que permitia a transmissão em tempo real através das plataformas na internet. Aos poucos, com o aumento da banda larga de Internet, estas transmissões de áudio em tempo real se tornaram cada vez mais populares, já que o *streaming* permite que o vídeo ou áudio sejam baixados quase simultaneamente à gravação. Assim, com o desenvolvimento tecnológico acelerado dos últimos anos, transmitir um evento ao vivo se tornou cada vez mais simples, até chegarmos aos dias de hoje, nos quais qualquer

pessoa com um telefone móvel e acesso à Internet é capaz de criar e transmitir vídeos por *streaming*.

Durante o período de isolamento social, as *lives*, transmissões por *streaming* realizadas através de sites de redes e mídias sociais como o *YouTube*, *Facebook* e *Instagram* proporcionaram o engajamento social dos sujeitos envolvidos no processo" (DE ALMEIDA;ALVES, 2020, p. 153). Neves et al. (2021) explicam que, diante da impossibilidade de atividades presenciais durante a *sindemia*, as *lives* se tornaram um canal promissor para fortalecer as ações educativas, pese a toda a problemática de acesso às tecnologias da comunicação e informação ainda patentes em nosso país. No que se refere especificamente à educação em saúde, Neves et al. (2021) sugerem que as ações educativas mediadas por *lives* durante o período *sindêmico*, colaboraram para a disseminação de informações confiáveis, para formar em saúde, e também para articular profissionais e aprendizes coletivamente

3 Metodologia

Neste estudo, abordaremos as atividades realizadas nas redes e mídias sociais online, uma vez que nosso objetivo é analisar as práticas educativas em saúde abordadas em vídeos produzidos e disseminados pelo *Facebook* da TeiaZO, durante a *sindemia* de Covid-19, em 2020. Além disso, o estudo também busca identificar como os conhecimentos populares aparecem nestes materiais e discutir como os vídeos constroem resistência através da comunicação, educação e saúde.

A articulação de base comunitária Teia de solidariedade Zona Oeste — Teia das Pretas — (TeiaZO) foi escolhida como um dos grupos acompanhados através de pesquisa participante do Projeto “Práticas e narrativas de resistência e re-existências na educação em ciências e saúde”, desenvolvido no Instituto NUTES de Educação em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Iniciamos o trabalho acompanhando este Coletivo tanto presencialmente quanto online. Entretanto, devido à *sindemia* de Covid-19, nosso trabalho inicialmente se concentrou nas atividades que eram realizadas de forma remota, entre elas a produção audiovisual.

Para a coleta dos dados, fizemos uma primeira varredura manual das mídias digitais (*Facebook*, *Instagram* e *Youtube*). Para inclusão na coleta, determinamos o ano de 2020, por compreender que neste período as atividades remotas eram mais intensas dado o isolamento social. Nessa varredura, percebemos a utilização do vídeo online como forma de diálogo e

Educação, Comunicação comunitária e saúde: as lives da Teia de Solidariedade da Zona Oeste durante a síndrome de Covid-19

interação comunitária entre as mulheres dos Coletivos envolvidos na articulação política TeiaZO. Coletamos manualmente 19 vídeos publicados entre maio e novembro de 2020 (Quadro 1), no Facebook da organização TeiaZO.

Os vídeos foram divididos em: 1) *Live*, que se constituíram de vídeos com transmissão ao vivo, com um total de dez (10) vídeos; 2) Vídeos-produções, cujo conteúdo foca em divulgar informações em saúde, os produtos da TeiaZO, campanhas de arrecadação e divulgação das *lives*, com oito (8) vídeos. Optamos, então, por analisar os vídeos tipo "*Live*", pois na análise inicial demonstraram abordar mais aspectos de educação em saúde de forma dialógica e comunitária. As *Lives*, por sua vez, foram subcategorizadas em: *Live-formação*, *Live-formação + parcerias* e *Live-campanha*.

QUADRO 1. Lives e suas subcategorias

Teia de Solidariedade Zona Oeste-Teia das Pretas (TeiaZO)			
Data	Título	Categoria	Subcategoria
16 de Maio de 2020	Emergência Zona Oeste: enfrentamento à Covid no eixo Realengo - Santa Cruz	<i>Live</i>	<i>Live-formação</i>
30 de Maio de 2020	Zona Oeste em tempos de pandemia: estratégias comunitárias e luta pelo direito à saúde	<i>Live</i>	<i>Live-formação</i>
1 de Agosto de 2020	Mulheres da Z.O. e a Saúde Comunitária	<i>Live</i>	<i>Live-formação</i>
11 de Julho de 2020	Lançamento da Campanha de financiamento Mulheres ZO	<i>Live</i>	<i>Live-campanha</i>
18 de Julho de 2020	LIVE da Solidariedade OTS com Henrique Vieira	<i>Live</i>	<i>Live-campanha</i>
10 de Agosto de 2020	Nós Juntas! Live de Aniversário de Hellen Andrews	<i>Live</i>	<i>Live-campanha</i>
7 de Setembro de 2020	Dona Helen Andrews na #CampanhaMulheresZO	<i>Live</i>	<i>Live-campanha</i>
22 de Julho de 2020	(Re) configurações socioespaciais e organização popular no enfrentamento	<i>Live</i>	Formações - parcerias
10 de Agosto de 2020	SAÚDE INTEGRATIVA E O SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE	<i>Live</i>	Formações - parcerias

17 de Agosto de 2020	ALIMENTAÇÃO POPULAR: SEGURANÇA NUTRICIONAL E RESISTÊNCIAS	Live	Formações - parcerias
30 de Agosto de 2020	Justiça por Miguel Otávio	Live	Live-campanha

Fonte: autoria própria.

A primeira subcategoria contém três (3) vídeos e as outras duas (2) subcategorias, quatro (4) vídeos. A subcategoria *Live-formação* se refere a vídeos que estão ligados a temáticas políticas e de educação em saúde. A subcategoria *Live-formação + parcerias* também está ligada aos aspectos ditos anteriormente, só que conta com a participação de outros coletivos ou instituições. Por fim, a *Live-campanha* está centrada em divulgar a campanha "Mulheres Zona Oeste", um espaço para propiciar que as mulheres atendidas pela TeiaZO participassem do processo de construção das intervenções através do vídeo *online*.

Escolhemos os vídeos da subcategoria "*Live-formação*" por compreender que os processos educativos em saúde das mulheres da TeiaZO estavam mais explícitos nesta subcategoria. Como critério de inclusão, as *Lives* não poderiam ser em parceria com outros coletivos. Portanto, incluímos os vídeos: 1) "Emergência Zona Oeste: enfrentamento à COVID no eixo Realengo - Santa Cruz"; 2) "Zona Oeste em tempos de pandemia: estratégias comunitárias e luta pelo direito à saúde"; e 3) "Mulheres da Z.O. e a Saúde Comunitária". Os vídeos foram, então, transcritos em sua totalidade e analisados a partir da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2011), refletindo, inicialmente, como a educação em saúde se concretizava nestes materiais. Importante situar que a análise de conteúdo, segundo Sousa e Santos (2020) requer procedimentos sistemáticos para inferências das relações sociais.

[...]entendida como um conjunto de técnicas de "análise das comunicações, que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem as inferências de conhecimentos relativos de condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens" (BARDIN, 2004, p. 41). É compreendida como um conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que objetiva analisar diferentes aportes de conteúdo sejam eles verbais ou não-verbais, por meio de uma sistematização de métodos empregados numa análise de dados (SOUSA E SANTOS, 2020, p. 1400)

Assim, a análise dos materiais audiovisuais produzidos pela TeiaZO foi um processo de descrição e análise profunda do diálogo produzido pelas mulheres, que buscou descrever e

analisar como o processo saúde e o processo doença eram compreendidos coletivamente. A partir das categorias inferidas na pesquisa, analisamos e buscamos responder às seguintes perguntas: como os vídeos constroem resistência através da comunicação, educação e saúde ao dialogar sobre a relação saúde-doença da TeiaZO? Quais conhecimentos populares sobre saúde estão nas narrativas encontradas nas lives?

4 Resultados e análise dos dados

O primeiro vídeo analisado, “Emergência Zona Oeste: enfrentamento à Covid no eixo Realengo - Santa Cruz”, foi transmitido em 16 de maio de 2020. Esta live teve quatro (4) participantes, 1800 visualizações, 303 comentários e 130 curtidas. Deste vídeo, destacamos os seguintes trechos que nos permitem refletir sobre educação em saúde nas práticas comunitárias da TeiaZO:

Trecho 1: *Dentro da lei a segurança alimentar é um dos determinantes sociais da saúde. Ou seja, é aquilo que determina se a pessoa vai ter saúde ou não. O vírus é o fim da história. Não é o início. As iniquidades... a falta de equidade que o Estado proliferou, fez produzir ao longo desses séculos. São várias iniquidades. Então a insegurança alimentar é uma iniquidade.*

Trecho 2: *Olha, eu preciso de uma casa em tempo de quarentena. Eu preciso de água. Água é considerado dentro da questão do saneamento, mas também água é segurança alimentar.*

Trecho 3: *Você vai observar diversas espécies que são ervas curativas, né?! que eu já falei em outros vídeos. Pela própria Dona Bilina que também era parteira. Então esse uso, é da expressão de nosso povo. E a gente retoma esse cuidado e busca os nossos ancestrais.*

Trecho 4: *Hoje eu vi um vídeo que me emocionou do Movimento dos Sem-Terra e nesse movimento, que hoje tá doando toneladas de alimentos, assim como a Teia tá doando, eles falam: "a solidariedade é uma linguagem popular, é uma linguagem NOSSA, é uma linguagem de aquilombamento. E a gente precisa aprofundar isso pela questão da segurança alimentar".*

Kruger (2003) menciona que reconceituar a saúde, propondo mudanças que melhorem o estado de saúde para buscar a justiça social é um dos fundamentos da educação em saúde. Nos trechos 1 e 2, percebe-se como a concepção de saúde abordada nos vídeos é uma ideia ampliada do conceito, mostrando como a construção comunitária de saúde veiculada pela

TeiaZO em suas *lives* vai além da saúde como ausência de doença. As participantes da *live* indicam a água, a moradia, a segurança alimentar, como alicerces para ter saúde.

Também chama a atenção que, neste vídeo, nos trechos 3 e 4, os conhecimentos populares sobre saúde são mobilizados quando o uso das ervas no cuidado coletivo é mencionado. Ao mobilizar os conhecimentos populares, contra hegemônicos, a TeiaZO recupera o *modus operandi* histórico das populações periféricas, que através da oralidade guardam conhecimentos das ervas medicinais. Demonstra, portanto, como as comunidades podem ser agentes de sua própria educação e cuidado em saúde.

A segunda *live* escolhida foi “Zona Oeste em tempos de pandemia: estratégias comunitárias e luta pelo direito à saúde”, lançada em 30 de maio de 2020, que contou com 4 participantes, 56 curtidas, 212 comentários e 726 visualizações. Esta *live* teve como integrante uma médica da clínica da família, abordando o panorama nos atendimentos, dado o contexto da Covid-19. Deste material, destacamos os trechos abaixo:

Trecho 1: *Eu acho que a gente precisa lembrar que a zona oeste é a área da cidade hoje que tem maior percentual de vacância na atenção primária. O que significa isso? Que as clínicas da família, os postos de saúde da Zona Oeste são os que têm mais dificuldade de contratação de médicos e a gente sabe que tudo isso é muito por conta dos últimos três, quatro anos de uma prefeitura um tanto irresponsável no nosso município. Mas a gente sempre soube também que é muito mais difícil contratar profissionais de saúde médicos pra Zona Oeste por conta da distância.*

Trecho 2: *Entendeu e escreveu sobre os Determinantes Sociais de saúde que quer dizer, de desigualdade social. Que saúde só o oposto de doença. Que saúde é acesso à moradia. Saúde é acesso à educação que é o direito ao transporte, à moradia digna, a lazer e as mulheres entenderam e fizeram um texto assim: SAÚDE É COMIDA SEM VENENO NA MESA. É CÉU, RIOS E PRAIAS LIVRES DA POLUIÇÃO DE INDÚSTRIA PESADA. MORADIA APROPRIADA. SANEAMENTO... AMBIENTE PROTEGIDO, TRABALHO E RENDA. TRANSPORTE DE QUALIDADE. LAZER PERTO DE CASA. ACESSO A BENS E SERVIÇOS essenciais. Tudo isso é saúde. É verdade, tudo isso é saúde e é uma tradução belíssima dessas mulheres pra o que é esse valoriza dos Determinantes Sociais da Saúde que saúde não é só o acesso a unidade de saúde. E essa saúde vem... a gente fala do SUS, mas o SUS vai ser regulamentado com a constituição de 1988 que também... que é uma constituição que aí vai falar de saúde pública como um direito, como também vai falar de comunicação como um direito. E vai ser regulamentada pelo SUS a questão da Saúde nos anos seguintes.*

Educação, Comunicação comunitária e saúde: as lives da Teia de Solidariedade da Zona Oeste durante a síndrome de Covid-19

Trecho 3: *Eu também conheço uma erva que é muito poderosa que a gente num dá a mínima importância a ela que é a erva de passarinho.*

Trecho 4: *Desde pequena eu costumo tomar chá e eu gostaria de passar algumas ervas que pode ser que sejam... Pode ser que ajude no momento de numa gripe, por exemplo, como um hortelã, poejo, o salsão, o limão galego, o limão simples, o guaco. Flor e junto com mais alguns componentes a flor de mamão macho que ajuda nesse complemento pra que possa se fazer um xarope assim muito mais forte, mais potente, que a gente possa dar pra crianças. Essas ervas simples, mais leves que as crianças podem tomar.*

Nesta live, especificamente, o trecho 1 coloca o "saber especializado" da médica da clínica da família compartilhando conhecimento com as mulheres atendidas pela TeiaZO, tornando-as partícipes ou, pelo menos, conhecedoras das problemáticas que envolvem a gestão da saúde local. No trecho 2, a médica relata como as mulheres se organizaram para reivindicar seus direitos, também corroborando a noção de que a tomada de poder e ação são fundamentos da educação em saúde.

Nas duas lives analisadas até aqui, a TeiaZO dialoga com as estratégias de resistências das mulheres negras no uso do conhecimento tradicional para o cuidado das moradoras e moradores dos territórios através das ervas medicinais, como uma forma de cuidado coletivo vindo da sabedoria ancestral das populações que são descendentes de africanos e indígenas dos territórios. Nos dois vídeos, percebe-se, portanto, como se busca formas coletivas de cuidado em saúde, baseados no saber comunitário para a transformação social, com participação ativa da população, no caso, das mulheres negras e periféricas. Tais pontos nos levam a recuperar, mais uma vez, a ideia de Kriger (2003) e afirmar que estes materiais comunicaram e disseminaram educação em saúde.

Por fim, a terceira live "Mulheres da Z.O. e a Saúde Comunitária" obteve 79 curtidas, 228 comentários e 589 visualizações, lançada no dia 01 de Agosto de 2020. Nesta live, o vídeo começou a ser utilizado para a participação de diferentes mulheres do território, tendo 9 integrantes no diálogo e uma das participantes era coordenadora do Movimento Sem Teto (MST)- Bahia. Destacamos os seguintes trechos:

Trecho 1: *A gente começa essa nossa live com o objetivo convidar as mulheres que são do território pra falar das ações e estratégias de*

desenvolvimento de saúde comunitária e cuidado radical. Pensar o resgate da nossa tradição dos alimentos frescos. Alimentos vivos... que isso é a perspectiva que nos interessa pra pensar a dimensão da saúde que é pra além de remediar o estado de doença, né!? É pensar de forma integral, integrativa e pra além.

Trecho 2: a discussão da soberania alimentar ela parte primeiro pela nossa saúde. Discutir a nossa saúde, por isso a importância da farmácia viva dentro das periferias e da comunidade como um todo. Eu acho que isso precisa se espalhar a discussão da farmácia viva até então pra poder quebrar essa máfia farmacêutica que aí está. Que nos obrigam a chegar em uma farmácia da qual sai do fundo do nosso quintal.

Trecho 3: onde discutimos a soberania alimentar... um produto agroecológico, voltado pro nosso povo. Não é essa construção agroecológica da qual hoje ela existe, mas que não chega aos nossos. Então não é justo, nós, o povo preto tá plantando orgânico para quem tem o poder aquisitivo maior ter acesso e nós continuarmos nos envenenando.

Trecho 4: Macera fruto da terra
Aquele que tem cheiro forte também cura
Dizia minha bisavó a minha vó com a voz segura
O que ouviu de sua mãe
O que aprendeu com pajé
Num punhado de ervas também se leva
Um bocado de fé

Trecho 5: Então a gente discute muito a cultura do nosso povo, né?! Resgatar as benzedoras, né?! As rezadeiras porque elas estão indo embora e não tão passando a sabedoria dela para os mais novos então por isso fazemos trabalho de juventude dentro das ocupações pra que eles entendam, né?! Que tudo isso que tá construído, foi construído por nós.

Neste terceiro material analisado, a estratégia de resistência da prática educativa em saúde através do vídeo online foi fazer uma interação comunitária com nove (9) participantes, principalmente mulheres que participaram da organização política de entrega de alimentos frescos para as famílias atendidas pela TeiaZO. Esta *live* expressa uma interação política entre os coletivos e os processos de resistências realizados ao longo do ano de 2020 por meio da luta pela soberania alimentar.

O trecho 1 retoma a ideia de pensar a saúde para além da doença. Os trechos 2 e 3, por sua vez, ampliam a ideia de saúde para a soberania alimentar, vinculada com os conhecimentos tradicionais em saúde. O trecho 5, por fim, foca no saber popular em saúde e na necessidade de fortalecimento destes conhecimentos populares ancestrais. São trechos que colocam em prática de forma muito evidente a educação em saúde, potencializando a agência das mulheres participantes da *Live* e também das que assistem ao vídeo, pois muitas são atendidas pela TeiaZO também.

Neste vídeo, os conhecimentos populares das ervas medicinais também emergem para falar sobre a saúde. Vídeos como este contribuíram com a mobilização comunitária pela saúde porque conectou as mulheres participantes da TeiaZO, em período de isolamento social no ano de 2020, para fazer uma conexão ao vivo para que seguissem em diálogo e tendo como audiência as mulheres atendidas pela TeiaZO, e as demais pessoas que seguiam a articulação. Neste processo, foi possível refazer espaços de interlocução em diferentes comunidades da Zona Oeste, utilizando-se da prática educativa em saúde por meio das tecnologias digitais.

Conclusão

Este artigo analisou práticas educativas em saúde realizadas a partir de *lives* transmitidas pelo *Facebook*, realizadas por um grupo de mulheres periféricas e pretas da zona oeste do Rio de Janeiro. Para finalizar, é importante recuperar a ideia de educação freireana, que é profundamente vinculada à comunicação e ao diálogo. Nesta pesquisa, evidenciamos como a TeiaZO se articulou através de *lives*, transmissões ao vivo em plataformas de mídia social, para educar em saúde de forma dialógica e participativa. Estas *lives* alimentaram um processo educativo transformador (KAPLÚN, 2002).

A concepção de saúde como sistema estruturado para intervenções políticas é um processo de disputa entre diversos atores. Neste estudo, buscamos evidenciar o fazer comunitário dos territórios das favelas e periferias da Zona Oeste que é uma continuidade das lutas dos movimentos negros, indígenas, feministas periféricas, ao longo do tempo. Aqui, focamos no uso estratégico das mídias, especificamente do vídeo online nas mídias sociais

(Facebook) para apropriação e circulação das informações que promoveram saúde a partir da prática educativa, dado o contexto da Covid-19, sobretudo de forma comunitária.

Com este trabalho, percebemos que a concepção de saúde da TeiaZO, evidenciada nos vídeos, é mais do que a ausência de doença. A saúde é compreendida de forma ampla, profunda e ancestral, pois parte dos conhecimentos tradicionais e periféricos para pensar-se, além de considerar as iniquidades sociais como condicionantes da saúde e da doença.

A TeiaZO demonstra que o vídeo online aliado à organização comunitária possibilita ativar circuitos de comunicação e educação capazes de modificar os sentidos sociais em saúde para além de uma concepção puramente biomédica da saúde, articulando conhecimentos ancestrais das ervas medicinais vindos da saúde comunitária. Consideramos, portanto, que este caminho percorrido pela TeiaZO é parte de um processo educativo em saúde horizontal, integral, radical e de cuidado coletivo em meio à sindemia, facilitado pelo uso das tecnologias digitais.

Referências

ANTOUN, Henrique; MALINI, Fábio. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). **Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão e da Regulação do Trabalho em Saúde**. Câmara de Regulação do Trabalho em Saúde. Brasília: MS, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é a educação?**. 1 ed. 1981. Reimpressão 49 São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

COYER, Kate.; DOWMUNT, Tony; and, FOUNTAIN, Alan. **The Alternative Media Handbook**. London: Routledge, 2007.

COULDRY, Nick. Mediatization or mediation? Alternative understandings of the emergent space of digital storytelling. **New media & society**, 10 (3), 373-391, 2008.

DE ALMEIDA, Beatriz Oliveira et al. Lives, educação e COVID-19: estratégias de interação na pandemia. **Educação**, v. 10, n. 1, p. 149-163, 2020.

ELLISON, N. B; BOYD, d. Sociality through Social Network Sites. In: Dutton, W. H. (Ed.), **The Oxford Handbook of Internet Studies** (pp.151-172). Oxford: Oxford University Press, 2013.

Educação, Comunicação comunitária e saúde: as lives da Teia de Solidariedade da Zona Oeste durante a sindemia de Covid-19

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 7 ed, 1983.

KAPLÚN, Mario. **Una pedagogía de la comunicación.** Editorial Caminos, 2002.

FALKENBERG, Mirian Benites et al. Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.19, n.3, p.847-852, março, 2014.

FENTON, Natalie. Alternative media and question of power. **Journal of Alternative and Community Media** (1), 10-11, 2016.

COMES, Luciano Bezerra; MERHY, Emerson Elias. Compreendendo a educação popular em saúde: um estudo na literatura brasileira. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p.07-18, jan, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/wcTZ5tX8K43XdxzxVgGKfkp/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 de agosto de 2022 .

HORTON, Richard. **Offline:** COVID-19 is not a pandemic. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)32000-6/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)32000-6/fulltext) Acesso: 09 de Fevereiro de 2023.

hooks, bell. **Erguer a voz:** pensar como feminista, pensar como negra. Tradução: Cátia Bocaiúva Mariolo. São Paulo: Elefante, 2019b. 380p.

KRIGER, Léo. **Promoção da saúde bucal - paradigma, ciência e humanização.** 3 ed. São Paulo: Artes Médicas, 2003. 504p.

MUTSVAIRO, Bruce. **Digital Activism in the Social Media Era:** Critical Reflections on Emerging Trends in Sub-Saharan Africa, Palgrave Macmillan, London, 2016.

NEVES, Vanusa Nascimento Sabino et al. Utilização de lives como ferramenta de educação em saúde durante a pandemia pela Covid-19. **Educação & Sociedade**, v. 42, 2021.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. **Eco-Pós**, 2 (12), 46-61, 2009.

PAIVA, Raquel. **O Espírito Comum.** Comunidade, mídia e globalismo. Rio de Janeiro: Mauad X, 2003.

RECUERO, R.; BASTOS, M.; ZAGO, G. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SOUSA, J. R. de ; SANTOS , S. C. M. dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa E Debate Em Educação**, 10(2), 1396–1416, 2020.

Sobre as autoras

Analice Madeira Teixeira da Silva

Mestranda em Educação em Ciências e Saúde pelo Instituto NUTES da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduada em Ciências Biológicas- Modalidade Médica (UFRJ) . E-mail: alicemadtei@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5754-2586>

Ana Lúcia Nunes de Sousa

Doutora em Comunicação e Jornalismo (Universidad Autónoma de Barcelona), docente do Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: analucia@nutes.ufrj.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1924-5297>

Maiana Eloí Ribeiro dos Santos

Mestranda em Educação em Ciências e Saúde pelo Instituto NUTES da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduada em Enfermagem. E-mail: eloimaiana@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6829-5349>

Recebido em: 07/04/2023

Aceito para publicação em: 28/04/2023